

## BOLÍVIA, MITO E REALIDADE

Donizete Aparecido Rodrigues \*

A idéia da viagem à Bolívia, surgiu por ocasião da elaboração de um seminário que eu apresentei na disciplina de Geografia Regional, e que abordava os problemas da integração indígena na América Andina. O assunto despertou o interesse de alguns colegas, e a partir das discussões daí resultantes, surgiu a idéia de uma viagem à Bolívia, no período de férias. Formamos assim um grupo de cinco elementos, a saber: Donizete Aparecido Rodrigues, Gilberto Irineu Belonci, José Carlos Mariano, João Cleps Junior e Francisco Carlos de Francisco, cada um propondo-se a observar na Bolívia o aspecto que mais o interessava (Geografia Física, Antropologia, Sociologia e Economia).

Por ser estagiário em Antropologia e por ser a Bolívia um país rico em informações antropológicas e sociológicas, interessei-me em fazer uma pesquisa direta durante o mês de janeiro de 1983, resultando na publicação deste artigo.

O objetivo deste artigo é tecer algumas considerações sobre os aspectos históricos, antropológicos e sociológicos da Bolívia.

A abordagem histórica se desenvolve na medida em que tento mostrar cronologicamente as fases que resultaram na etnia boliviana.

A abordagem antropológica é caracterizada quando procuro descrever os componentes e as características étnicas atuais deste povo.

A abordagem sociológica é representada quando abordo a participação e os problemas atuais dessa etnia num contexto sócio-econômico e político.

Este trabalho teve a orientação das Pro

---

\* Aluno do 3º Ano do Curso de Geografia do Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais - Campus de Pres. Prudente.

fessoras de Antropologia, Ruth Kunzli e de Sociologia, Marí  
lia Gomes Campos Libório.

Os métodos utilizados foram: entrevistas e questionários aplicados em indivíduos de diferentes clas  
ses sociais e alguns especialistas no assunto, tais como: um antropólogo, uma socióloga e um professor doutor em Geogra  
fia da Universidade de Santa Cruz de La Sierra; observações diretas e consultas bibliográficas efetuadas na Bolívia e no Brasil.

Portanto as informações foram obtidas através desses métodos. De volta a Presidente Prudente, sistematizei os dados colhidos e desta sistematização resul  
tou o presente artigo, que dividi em três fases, a saber: a) - fase pré-incaica; b) - incaica e c) - hispânica que culmina com a atual, numa tentativa de facilitar a compree  
nsão.

a) Fase pré-incaica:

A sociedade incaica foi precedida por uma série de povos de culturas bastante avançadas e algumas até mesmo com uma organização socialista. Isto pode ser prova  
do através de descobrimentos arqueológicos, que atestam um desenvolvimento cultural com mais de 2.000 anos anteriores aos Inca.

Como exemplo desta afirmação, posso citar o Império Tiwanaku, que compreendia uma infinidade de povos ou tribos. As ruínas dos palácios e dos templos, a 180 Km de La Paz, incluem a "Porta do Sol" e outras obras graníti  
cas, gravadas e talhadas em relevo, representando as mulhe  
res, a nobreza, a autoridade e o magistério Tiwanaku. Teve seu apogeu entre os séculos VI e IX D.C. e a partir daí foi sendo vencido por tropas formadas por diversas tribos Kola  
suyo. Com isso criou-se o Império Kolosuyo ou Aymara. O termo Aymara foi introduzido pelos espanhóis que, por não co  
nhecerem a língua dos Kolosuyo, interpretaram erroneamente uma palavra nativa que dava essa sonoridade e até hoje os au  
tores se referem a eles como sendo Aymara.

Depois de um apogeu mais ou menos longo, aproximadamente de três séculos, o Império Aymara se subdivi

diu, através de sucessivas lutas entre as tribos, pois todos queriam a hegemonia. Por isso, Manco Kapac, que era Chefe de uma das tribos, procurou se distanciar, guiando sua gente para o vale de Cuzco, no Perú. Encontraram ali terras férteis bem como uma comunidade de índios Aruwaco. Com cultura muito inferior à deles, os Aruwaco se submeteram pacificamente e, assim, nasceu um novo império, o famoso e magnífico Império Inca, aproximadamente no ano de 1.200 D.C., com uma população inicial de 10 a 12 milhões de pessoas, sendo Manco Kapac, seu primeiro imperador.

b) Fase Incaica:

Segundo Darcy Ribeiro (1970), o império Inca evoluiu de uma estrutura tribal de aldeias agrícolas diferenciadas, para um sistema de comunidade agro-artesanais independentes e, daí, para a formação de cidades, com suas populações já estratificadas em classes.

Assentava sua economia agro-artesanal num regime de superorganização administrativa do trabalho, fundado em instituições coletivistas, associadas a uma estratificação social rígida por uma aristocracia e por uma vasta burocracia administrativa, militar e teocrática.

A pirâmide social incaica integrava três estratos distintos: a nobreza dirigente, a camada intermediária de administração e controle, e a classe trabalhadora.

Os Incas alcançaram um elevado nível de civilização urbana servida, inclusive, por um magnífico sistema de transportes. Dominaram a arte arquitetônica e escultórica em pedras, o que resultou em magníficas edificações como pontes, estradas, templos, palácios e esculturas megalíticas. Os espanhóis não conseguiram destruir tudo, e hoje podem ser vistas as colossais ruínas de pedras, representando a maravilhosa arquitetura incaica.

O Império Inca, teve uma organização muito avançada, do ponto de vista político e social. Baseava-se em igualdade social e hegemonia estatal, chamada, hoje, de socialismo de estado.

A religião dos Inca estava baseada na dos Aymara, que a princípio era monoteísta, cujo deus se chamava

"Runa Kamac Viracocha" (que significa "Deus de todos os Homens"). Depois veio o politeísmo, através da multiplicação dos deuses do universo, entre os quais notava-se a existência de um ser supremo, chamado "Pachacamac", considerado como o criador do mundo, bem como de uma divindade maior que era o sol. Existia também o culto à lua (porque a consideravam como esposa do sol), e as outras divindades celestiais. Os achados arqueológicos provam que os deuses dos Aymara estavam relacionados com os astros; por isso, alguns autores sugerem a hipótese de que os Aymara tinham contato com seres extra-terrestres; reforçada pela existência dos cosmoportos no deserto de Naska no Perú e em Samaipata, no departamento de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia.

O império Inca parecia contar com condições excepcionais para organizar-se em um vasto sistema político, que anglobaria no seu processo civilizatório a maioria dos povos da América do Sul, porém foi destruído no seu ciclo de expansão por fatores de dissensão interna, facilitando a conquista externa pela Espanha.

### c) Fase hispânica:

Em 1532, o espanhol Francisco Pizarro com apenas 180 soldados e com 37 cavalos entrou triunfalmente em Cuzco, capital do império, iniciando a sua destruição. Esse império segundo H. Dobyns e P. Thompson (1966), tinha então uma população de 30 a 37,5 milhões de indivíduos.

Os conquistadores lançaram mão das técnicas de traição e de intriga. Aproveitaram a divisão do Império Inca entre Huáscar e Atahualpa, os irmãos inimigos. Depois de abatê-los, os espanhóis souberam ganhar cúmplices entre as castas dominantes, intermediárias e militares.

As bactérias e os vírus foram os aliados mais eficazes neste trabalho de conquista. Os espanhóis traziam consigo a varíola, o tétano, o tifo, a lepra, a febre amarela, várias doenças pulmonares, intestinais e venéreas, o tracoma e as cáries, e os índios morriam em massa, pois seus organismos não tinham imunidade contra essas doenças, novas para eles.

Os espanhóis, ao chegarem a Cuzco, fica

ram deslumbrados com a riqueza, ao saquearem o Templo do Sol. Pisotearam jóias e imagens, martelaram as obras de arte de ouro, para reduzi-las a um formato de mais fácil manejo, e converteram em barras todo o tesouro dos templos.

Após a conquista hispânica, o equilíbrio do sistema econômico foi quebrado através de uma série de inovações impostas pelos espanhóis, com a finalidade de transformá-lo numa rendosa colônia do Império espanhol. Dentre elas se destacam a posse da terra pelos espanhóis; a orientação da produção para o mercado externo, visando lucro; a introdução de uma economia monetária; e dos sistemas ibéricos de pesos e medidas.

Os efeitos destas inovações foram desastrosas para os índios, porque, destruindo o antigo sistema distributivo, geraram anos de fome e reduziram assustadoramente a população.

Atualmente, e de acordo com o último censo (1980), a Bolívia conta com 5,8 milhões de habitantes. Integram a população da Bolívia os seguintes grupos raciais: 1 - indígena, 2 - mestiço e 3 - branco.

Vale a pena ressaltar que essa classificação me foi fornecida pelo Prof. Dr. Hernando Sanabria Fernandez, que leciona a disciplina de Geografia na Universidade de Santa Cruz de La Sierra. Por ocasião da entrevista verifiquei que o mesmo tinha traços indígenas, o que indica que provavelmente era mestiço, embora ele se auto-denominasse - branco, negando claramente sua origem.

Já para Darcy Ribeiro (1970), a classificação social da população apresenta-se de uma outra maneira: os brancos por autodefinição (mestiços hispanico- indígenas das classes médias e alta); os cholos (predominantemente indígenas do ponto de vista racial, mas aculturados e integrados no sistema econômico e social e que são os que eles denominam de mestiços) e os indígenas (contingentes marginalizados, porque conservam a língua e parte da cultura original).

Voltando à classificação do Prof. Dr. Sa  
nabria podemos observar as seguintes características da população boliviana:

1 - A população indígena constitui 50% da população total e forma parte considerável de algumas cida

des, povoados e vilarejos, porém a maioria habita principalmente nos campos ou zonas rurais e na região andina. Observei que a maioria se dedica à agricultura e, nas cidades e povoados, ao comércio nas feiras. No prolongamento de suas habitações os índios criam cabras, ovelhas, lhamas, burros e bois, que constituem a sua riqueza no meio de uma sociedade miserável e estática.

Oficialmente, o índio se chama "campesino". Em 1952, foi criado o Ministério de Assuntos Campesinos, para resolver os seus problemas e para fazer distribuição de terras aos mesmos, embora na prática, como acontece com a Funai, nada disso tenha funcionado.

A população indígena permanece fora das atividades organizadas no que se refere à educação, higiene, sanidade, legislação do trabalho, e bem estar em geral.

Quase todos vivem em um estado que se aproxima ao da civilização, no que se refere às atividades econômicas, porém conservam vivos seus padrões culturais: fato visível na vestimenta, na habitação, na língua, na religião e na alimentação. No entanto os seus trabalhos, normalmente artesanais, não são valorizados, ficando os índios em condições de considerável atraso econômico.

O índio migra da aldeia para as cidades para fugir da miséria social, sem saber o que o espera; mas ca folha de coca para enganar a fome e utiliza o álcool para esquecer a condição de inferioridade em que vive.

A língua oficial da Bolívia é o castelhano. Foi introduzida pelos espanhóis no século XVI, os quais se preocuparam em expandir a língua castelhana para fins catequéticos e para cristianizar os aborígenes, facilitando, assim, a dominação. O índice de índios alfabetizados em relação a essa língua é de 40% (comparando-se ao Brasil, esse índice é considerável e mostra o grau de integração indígena e a participação do mesmo na etnia boliviana), sendo que o Aymara e o Quíchua são as línguas nativas do país.

Os grupos indígenas apresentam diferenças marcantes em suas características somáticas e raciais, o que permite considerar claramente três grupos bem definidos, que são:

a) O grupo Andino, que habita a "meseta" situada entre as duas cordilheiras andinas. Compreende principalmente as famílias Aymara e Quíchua. O índio é o descendente direto dos Inca. A língua Quíchua é provavelmente produto da evolução do Aymara, unido aos dialetos de raízes Aruwaco e Pano, que eram falados na região de Cuzco, onde se infiltraram os primeiros Aymara que fundaram o Império Inca.

b) O grupo Tupi-Guarani, disperso por toda a América do Sul, dos Andes ao Atlântico e do rio da Prata às Guianas, está representado na Bolívia por uma série de tribos, agrupadas em três famílias bem caracterizadas: família Chiriguana, Guaraya e Chiquitana, todas situadas no departamento de Santa Cruz de La Sierra, partes de Chuquisaca e Tarija.

c) O grupo Aruwaco, que veio da região amazônica, ocupa grande parte do norte e nordeste da Bolívia. Este grupo está dividido em uma infinidade de tribos com características raciais e linguísticas diferentes. Está representado na Bolívia por duas famílias: a Mojana e a Pano.

2 - A população mestiça participa com 30% da população total. Esta cifra mostra o grau de miscigenação que há entre os espanhóis e os indígenas. Ao contrário do que aconteceu com os portugueses e os indígenas no Brasil, os espanhóis constituíram e continuam a constituir famílias com os mesmos. Distribuem-se em todas as regiões do país, porém se agrupam principalmente em cidades e povoados. Dedicam-se em geral, aos trabalhos artesanais, às profissões liberais, à administração pública, ao comércio, etc.

O mestiço busca a ascensão econômica e quando isso acontece, nega a sua origem indígena e copia os padrões sociais da classe dominante, querendo se fazer passar por tal, o que não consegue porque os traços indígenas são visíveis na sua fisionomia.

3 - A população branca representa 18% da população total. É composta por descendentes dos conquistadores espanhóis desde a época colonial e por uma pequena imigração existente até hoje. Os brancos têm-se estabelecidos, principalmente, nas cidades e nos povoados, exercem pre





para manter o pesado gasto governamental em mordomias.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINGHAM, Hiram. La ciudad perdida de los Incas. Santiago do Chile, Zig-Zag, 1956.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. América Pré-Colombiana. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- FERNANDEZ, Hernando Sanabria. Geografia Econômica I. La Paz Juventud, 1982.
- GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982
- IANNING, E.P. Peru before the Incas. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1967.
- PRADO, Benjamin Tónico. Indigenas en el Corazon de América. La Paz, Los Amigos Del Libros, 1971
- RIBEIRO, Darcy. As Américas e a Civilização. Rio de Janeiro Civilização Brasileira S/A, 1970.
- REYER, Munoz J. Geografia de Bolivia. La Paz, Juventud, 1980
- URQUIDI, Arturo. Las comunidades Indígenas en Bolivia. La Paz, Juventud, 1982.